

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja

Class.: 19

Data: 31 de Maio de 1972

Pg.: _____

Indígenas

INDIOS

Sinais de crise

Previa-se uma semana movimentada na Fundação Nacional do Índio, Funai, em Brasília. Mas não tanto. Finalmente, seriam feitos os primeiros contatos com os Kranhacarone, os "índios gigantes", marcados na quarta-feira por um sinal de que eles não querem estranhos em suas terras. Um operário que trabalha na construção da estrada Cuiabá—Santarém foi atingido por duas flechadas na perna.

Em meio a esses acontecimentos, porém, surgiu outro: a demissão do sertanista Antônio Cotrim Soares, 32 anos, um dos mais experientes da Fundação. Suas razões apareceram como denúncias severas.

Sobre elas, e não sobre os gigantes, é que se fizeram perguntas ao presidente da Funai, general Bandeira de Melo, em sua volta a Brasília: "Não pude ler jornais porque estava em viagem de inspeção às delegacias da Funai no Amazonas. Só agora poderei me inteirar do assunto", respondeu o general. Sobre elas, Antônio Cotrim respondeu a Luís Gutemberg, de VEJA.

VEJA — Por que a decisão de demitir-se, em vez de outras saídas que não o afastassem da Funai?

COTRIM — Porque todas as formas possíveis de diálogo com a Funai foram tentadas e fracassaram. Agora, começavam a fracassar também os nossos diálogos com os próprios índios, uma vez que já não víamos cumpridos os acordos feitos com eles em nome da Funai e segundo as leis brasileiras. Os seus territórios eram violados constantemente, apesar de o artigo 198 da Constituição Federal lhes assegurar a posse.

VEJA — Esse problema não seria conseqüência da política de expansão das fronteiras econômicas do país?

COTRIM — Justamente aí é que se verifica o fracasso da política da Funai. Na tentativa de conciliar interesses, sempre sai favorecida a sociedade dominante. A Funai poderia aproveitar a potencialidade desses recursos em benefício das comunidades indígenas, fazendo o índio participar do desenvolvimento nacional.

VEJA — De que forma se daria essa participação?

COTRIM — Com o aproveitamento da experiência dos índios. São profundos conhecedores da fauna e da flora, têm uma farmacopéia riquíssima. Essa participação, no entanto, deve ser condicionada ao seu sistema de organização econômica, de trabalho comunitário. Violar esses princípios significa esfacelar todo o universo tribal.

VEJA — Esse tipo de violação já ocorreu em algum lugar?

COTRIM — Os Pacategés, da região de Marabá, no Pará, foram contactados — não gosto do termo pacificado, que me parece parcial e injusto para o índio, — pela Funai. Nos trabalhos de aproximação, os índios foram sendo submetidos economicamente, tornados dependentes, uma vez que fomos criando para eles novas necessidades de consumo, geralmente de bens supérfluos, como vestuário, espelhos, miçangas, armas de fogo. As ofertas de paz são um engodo. No primeiro ano, tudo é dado de presente. No segundo, eles são convidados muito naturalmente a ganharem esses mesmos bens, através da economia de mercado, do trabalho organizado para o qual não estão preparados. A experiência de trabalho da nossa sociedade é milenar e não pode ser transmitida de uma forma imediatista. Daí essa má fama de preguiçoso que o índio tem. Pura ignorância.

VEJA — E o que aconteceu com os Pacategés depois dessa aventura?

COTRIM — Toda a organização tribal dos Pacategés foi afetada. A organização comunitária, as crenças, os laços familiares, a solidariedade tribal, as relações pessoais, tudo foi atingido. Estão acostumados a uma sociedade de bens comuns e passam a adotar o "meu e o seu", o individualismo, sem poder conceber por que foram lançados dentro desse sistema. Acostumados a produzir apenas para a sua subsistência, não compreendem as novas relações de produção. Eles perdem as suas perspectivas históricas e vêm reclamar aos sertanistas que um dia vieram contactá-los.

VEJA — Que respostas receberam, no caso dos Pacategés?

COTRIM — Não tive resposta. Se tivesse que dizer alguma coisa, procuraria justificar e, praticamente, reconhecer o engodo em que eles caíram, com a minha colaboração, inconsciente e involuntariamente.

VEJA — Há outra forma de se enfrentar o problema de aproximação com os índios, em função de obras ou planos de desenvolvimento como, por exemplo, a Transamazônica?

COTRIM — Há condições. Basta que sejam aplicadas corretamente as diretrizes da política indigenista, através de métodos racionais e pessoal especializado. Primeiro, que suas necessidades territoriais sejam respeitadas. Os Carajás, por exemplo, têm toda a sua gênese no Araguaia. Retirá-los de lá é destruir a sua razão existencial.

VEJA — Mas existem casos de transações desastrosas, que não levam em consideração esses valores?

COTRIM — Os Nambikuaras, no vale do Guaporé, Mato Grosso, foram transferidos de suas aldeias, pressionados por interesses de empresas agropecuárias, para a "Reserva Nambiquara", nas proximidades da estrada Acre-Brasília. Chegando ao local reservado, foram logo vitimados por uma epidemia de malária e gripe, dadas as condições insalubres da área. Ao sentirem que não tinham condições de sobrevivência, inteiramente abandonados, procuraram retornar às antigas aldeias, morrendo quase 30% da tribo nesse regresso. Foi uma caminhada trágica, com os índios caindo pelo caminho. Se houve sobreviventes, deve-se ao apoio dado pelo Parasar, da FAB, à equipe médica da Funai. Equipamentos do Projeto Rondon também participaram do socorro.

VEJA — Que "métodos racionais e



Cotrim: sem diálogo com a Funai

pessoal especializado" evitariam essas tragédias?

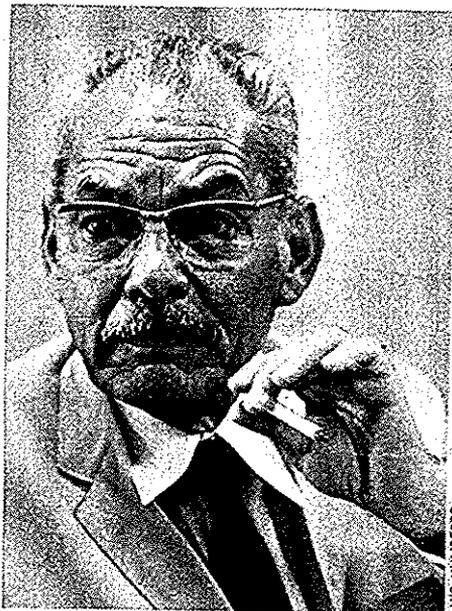
COTRIM — A Funai emprega métodos empíricos. Prova disso é que até o momento nunca foi criado um plano diretor para a Funai, contrariando a política de planejamento do governo. Não existe uma metodologia de trabalho aplicada às peculiaridades de cada área. O que se aplica no Rio Grande do Sul também se quer aplicar no Pará e no Amazonas. Os planos são feitos em Brasília, são trabalhos de gabinete. Quando surgem bons projetos, como o da participação da Funai na abertura da Transamazônica, acabam sendo distorcidos na prática.

VEJA — Até que ponto é verdade que se verificam casos de transmissão de doenças venéreas aos índios recém-contactados?

COTRIM — Essa ocorrência foi constatada por um médico da Funai entre índias Paracanãs, localizadas próximo à Transamazônica. Isso se explica porque entre determinados grupos tupis, de que fazem parte os Paracanãs, há uma etiqueta de acolhida ao estrangeiro que prevê a entrega das mulheres para relações sexuais. No entanto, se a equipe da Funai estivesse bem orientada, integrada nos princípios da filosofia indigenista brasileira — que herdamos de Rondon —, não teria havido a contaminação.

VEJA — *Essas relações sexuais, sob condições sanitárias normais, apresentariam algum inconveniente?*

COTRIM — Não se sabe se os Paracanãs entregam suas mulheres como uma simples homenagem ao visitante ou com a intenção de miscigenação. No entanto,



Bandeira de Melo: cedo para falar

a aceitação dessa oferta cria entre as índias necessidades sexuais que elas não conhecem, iniciando-as na prostituição. Os índios compreendem o sexo como ato fisiológico destinado à procriação e não o usam como fonte de prazeres. Não praticam jogos sexuais. Depois da experiência com o homem branco, a índia não se satisfaz mais com as relações com seu marido.

VEJA — *Esses fatos que você apresenta, agora, são conhecidos pelas autoridades da Funai?*

COTRIM — Alguns constam de relatórios meus. Mas todas as ocorrências citadas são de conhecimento notório da cúpula da Funai.

VEJA — *Demitindo-se da Funai e fazendo todas essas denúncias, que objetivos está perseguindo?*

COTRIM — Em primeiro lugar, não tenho nada com o sensacionalismo com que a imprensa trata minhas declarações. Meu objetivo é alertar, despertar a consciência nacional para o problema do índio, especialmente as autoridades. Quando afirmo que deixo a Funai para não continuar a ser "coveiro de índios", uso uma metáfora para mostrar que não desejo contribuir para o processo de extinção dos nossos índios pela adoção de políticas erradas. Mas, na verdade, tive realmente oportunidade de ajudar a cavar dezenas de sepulturas de índios, mortos em consequência de doenças contagiosas transmitidas por expedições chefiadas por mim.